

**O DUPLO EM ANFITRIÃO, DE PLAUTO
E UM DEUS DORMIU LÁ EM CASA,
DE GUILHERME FIGUEIREDO**

Ingrid Gross (UERJ)
ingrid_angel_rb@hotmail.com

1. Introdução

Nos estudos acerca da temática do Duplo se percebe que este é essencialmente um assunto que perpassa diversas épocas e se perpetua no âmago da história da humanidade. Nota-se ainda que nem sempre fora tratado ou percebido de uma mesma maneira, sofrendo, desse modo, transformações ao longo dos anos, mas sempre persistindo em diversas áreas, como na Literatura e na Mitologia.

Na Antiguidade, o Duplo era, para a sociedade, a representação ou o reflexo do idêntico, ou seja, prevalecia a ideia de Duplo como o homogêneo, manifestação do igual. No entanto, não permaneceu dessa maneira, tendo, com o passar do tempo, a partir do século XVIII se tornado heterogêneo, isto é, o Duplo passa a representar o desigual ou, em outras palavras, o oposto.

O manifestar do Duplo é um recurso abundantemente utilizado pelos autores de diversas eras, se estendendo desde as formações da sociedade clássica até os tempos contemporâneos. Chevalier e Gheerbrant (1996) corroboram essa ideia afirmando que o Duplo sempre esteve, de maneira instigante, presente nas sociedades.

Muitos críticos e teóricos que abordam o tema dividem, normalmente, a aparição do Duplo, classificando-o de diversas maneiras. Uma dessas nomeações é feita por Carla Cunha (2009) que designa a manifestação do Duplo de duas formas: uma aparição consiste na duplicação de um ser em si mesmo, sem que haja necessidade de outrem, chamado de *duplo endógeno*; a outra maneira é através da duplicação de si em outro ser, denominado *duplo exógeno*. É esta a classificação eleita para aplicação nas obras selecionadas para este estudo: *Anfitrião*, de Plauto e *Um deus dormiu lá em casa*, de Guilherme Figueiredo.

2. *O Duplo em Anfítrio e Um deus dormiu lá em casa*

Elementos da Comédia Nova grega podem ser observados na comédia de Plauto, sendo observável a ausência do coro e, conseqüentemente, o desaparecimento da parábase. Nota-se isso na obra *Anfítrio*, objeto deste estudo. Já no prólogo, Mercúrio apresenta o enredo da peça e brinca com os espectadores, afirmando que esta não é uma tragédia, ainda que utilize os deuses em seu enredo e, tão pouco, uma comédia, pelo mesmo motivo, transformando, então, a composição em uma “tragicomédia”:

Sou deus, de modo que, se quereis, mudo já isto; farei que de tragédia passe a comédia, e exatamente com os mesmos versos. Quereis que sim ou que não? (...) O que eu vou fazer é que seja uma peça mista, uma tragicomédia, porque me não parece adequado que tenha um tom contínuo de comédia e peça em que aparecem reis e deuses. E então, como também entra nela um escravo, farei que seja, como já disse, uma tragicomédia. (PLAUTO, s.d., 46)

Martha Francisca Maldonado Baena da Silva (2006:71) afirma que a mudança do gênero da peça se deu “por tratar de um deus numa comédia, apresentando-o com defeitos próprios de um homem comum do povo, com a torpeza dos mortais. É então que ele [Plauto] cria o termo ‘tragicomédia’.” Quando se fala em Comédia e Tragédia não se pode deixar de mencionar a concepção aristotélica, no que concerne a esses gêneros. Segundo Aristóteles, na arte de dramatizar, sempre existirá o ato da imitação de pessoas em ação:

Estas são necessariamente ou boas ou más (pois os caracteres quase sempre se reduzem apenas a esses, baseando-se no vício ou na virtude a distinção do caráter), isto é, melhores do que somos, ou piores, ou então tais e quais. (...) Evidentemente, cada uma das ditas imitações admitirá essas distinções e diferirão entre si por imitarem assim objetos diferentes. (ARISTÓTELES, 1997, p. 20)

Desse modo, o mencionado autor conceitua a Tragédia como a “representação de seres melhores do que nós” (*Idem*, p. 35) e a Comédia como “a imitação de pessoas inferiores” (*Idem*, p. 23). Justifica-se, assim, o termo “tragicomédia”, utilizado por Plauto no mencionado prólogo da composição em análise, pois nesta, o comediógrafo retrata tanto deuses (seres superiores), como escravos (seres inferiores), mesclando, dessa maneira, elementos dos dois gêneros.

Anfitrião é, até hoje, uma das peças plautinas mais traduzidas e adaptadas em diversas línguas e épocas, tamanha a sua importância e riqueza da sua composição. É esta uma das mais conhecidas peças escritas por Plauto, como ratifica Lilian Nunes da Costa:

Pode-se dizer que *Anfitrião* (*Amphitruo*) é uma das mais famosas peças plautinas, tendo recebido grande quantidade de traduções e adaptações. Entre os autores por ela influenciados, podemos citar Camões (*O auto dos Enfatiões*), Molière (*Amphitryon*), Rotrou (*Les Sosies*), Shakespeare (*Comedy of errors*), Von Kleist (*Amphitryon*) e, no Brasil, Guilherme de Figueiredo (*Um deus dormiu lá em casa*). (COSTA, 2009, p. 571)

Com a produção plautina, a comédia surge como um dos gêneros mais fecundos da Literatura Latina. A obra de Plauto em análise, posteriormente, viria a influenciar muitos nomes da Literatura Universal, como se pôde observar acima.

Em *Anfitrião*, encontra-se a temática do duplo como tópico central e é justamente a partir da duplicação das personagens que se dá o estilo cômico, como se verá adiante. O mito do duplo presente nesta obra é homogêneo, ou seja, o tipo de duplo que predominou na Antiguidade. Sendo assim, “a semelhança física entre dois personagens e os equívocos decorrentes são os argumentos das comédias de Plauto. (...) A semelhança física é usada para efeito de substituição, de usurpação de identidade; o sócia é confundido com o herói e vice-versa.” (SOUZA, 2008, p. 11).

A duplicação ocorre quando Júpiter, enamorado de Alcmena, decide ir a Tebas para passar uma noite de amor com esta. Para isto, o deus se transfigura em Anfitrião, seu marido, que está na guerra lutando. O rei do Olimpo traz consigo seu filho Mercúrio, que se disfarça, ou melhor, se transforma em Sócia, escravo de Anfitrião. Tem-se aí delineada a aparição do duplo na obra plautina.

Vê-se que os deuses presentes na composição mencionada personificam uma espécie de “gêmeos univitelinos”, uma vez que são fisicamente idênticos aos seus modelos. Após se encontrar com Mercúrio, já metamorfoseado em Sócia, e dialogar com este, o escravo se inquieta:

Sósia: Então quem sou eu se não sou Sósia? Não farás o favor de me dizer?

Mercúrio: Quando eu não quiser ser Sósia, podes tu ser Sósia, mas enquanto eu o sou, olha que apanhas se não te vais sem pio.

Sósia: Por Pólux! Realmente quando me ponho a olhar para ele vejo que tem o meu aspecto; é muito semelhante a mim, pelo que tenho visto no espelho. Tem o mesmo chapéu, o mesmo vestuário: é exatamente como eu: as pernas, os pés, a estatura, o corte do cabelo, os olhos, o nariz, a boca, a cara, o queixo, a barba, o pescoço. Tudinho! Que hei de eu dizer?! Se ele tem as costas com cicatrizes, não há nada mais parecido comigo. (PLAUTO, s.d., p. 58-59)

Os questionamentos de Sósia vão além, a ponto de torná-lo perturbado e indeciso quanto a sua própria identidade diante de, aparentemente, outro Sósia idêntico a si, afirmando que ele não é ele. Souza (2008, p. 18) justifica essa perturbação afirmando que “o homem fica enfraquecido sempre que se confronta com o seu duplo”. Parece que não há como suportar a visão de si mesmo diante de si, negando o seu próprio eu. É então, que diante da figura confusa de Sósia, Mercúrio aproveita para desafia-lo e fazê-lo negar sua própria identidade:

Mercúrio: Então tu tens a audácia de vires dizer que és Sósia, quando eu é que sou Sósia.

Sósia: Estou perdido!

(...)

Mercúrio: A quem pertences tu?

Sósia: Anfitrião, já disse. Sou Sósia.

Mercúrio: Então vais apanhar mais, por estares a dizer bobagens. Eu é que sou Sósia, não és tu!

Sósia: Queiram os deuses que tu o sejas! E que eu me transforme em quem te chega! (PLAUTO, s./d., p. 56)

Esse fragmento da composição plautina exemplifica como o Duplo é instrumentalizado, a fim de gerar comicidade na obra. Essa característica permeia toda a composição em análise, como corrobora Ivete Vidigoi Souza (2005, p. 13) acerca da mesma: “o cômico aqui decorre de situações de equívocos entre duplas de gêmeos: dois padrões e dois empregados. (...) são criadas sensações de estranha-

mento e dúvida quanto ao estado de lucidez dos envolvidos.” É nesse contexto que Sósia abdica da sua própria identidade em prol daquele que se diz ele mesmo. Novamente o escravo de Anfítrião entra em crise e se indaga:

Sósia: Então prefiro ir-me embora. Ó deuses imortais, não quereis ajudar-me? Onde é que eu morri? Quando é que eu me transformei? Onde é que eu perdi a minha cara? Será que eu me deixei aqui por esquecimento? Efetivamente este tem a fisionomia que eu possuía dantes. (PLAUTO, s./d., p. 59)

Depois de vencido por Mercúrio, Sósia se vê perdido e sem identidade, ausentando completamente o “sentido de si”. Quanto a essa perda de identidade, afirma Stuart Hall (2006:9): “Esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto do seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo.” Em outra ocasião, ao encontrar-se com o seu amo, o escravo já não se reconhece, gerando dúvida quanto a sua lucidez:

Anfitrião: (...) Tu que te pões a brincar comigo?

Sósia: Realmente, se assim fosse, terias razão em estar contra mim. Mas não estou a mentir, digo apenas o que sucedeu.

Anfitrião: o que eu acho é que este homem está bêbado.

(...)

Sósia: Já disse mais de dez vezes que estou em casa! Estás a ouvir? E quem está junto de ti é o mesmo Sósia. E, agora, meu amo, achas que te falei com bastante clareza e com bastante eloquência?

Anfitrião: Vai já para longe de mim!

Sósia: Mas então o que é isso?

Anfitrião: Tu não estás bom!

(...)

Sósia: Pois eu, Anfítrião, o que te digo é o seguinte: verás como encontras em casa um outro escravo teu, chamado Sósia, além de mim, e filho de Davo. Tem o mesmo pai que eu, a mesma fisionomia, a mesma idade. E não há mais nada a dizer: o teu Sósia tornou-se duplo. (PLAUTO, s.d, 64)

De fato, vê-se que a aparição do Duplo, na obra, gera uma perda ou uma crise de identidade em Sósia e mais tarde em Anfitrião, que se põe a discutir com Mercúrio, disfarçado em Sósia, sobre sua identidade:

Mercúrio: Vai para o inferno! Eu não tenho outro dono senão Anfitrião!

Anfitrião: Ter-me-ei eu transformado? Que coisa extraordinária, que Sósia não me reconheça! Vamos investigar isto. Dize-me lá quem te parece? Não sou Anfitrião?

Mercúrio: Anfitrião? Estás doído! (...) (*Idem*, p. 87)

Prosseguindo na leitura da peça, Anfitrião se vê, finalmente, diante do seu Duplo, personificado em Júpiter. Pode-se notar que mesmo sabendo quem ele realmente é, Anfitrião se questiona, demonstrando incerteza quanto à sua identidade: “Pelo supremo Júpiter! Tu hoje queres tirar-me o ser eu? (Dirigindo-se ao falso Anfitrião.): Mas quero saber o seguinte: tu és Anfitrião?” (*Idem*, p. 94).

O Duplo causa desconcerto não apenas nos envolvidos no fenômeno da duplicação, mas também nas pessoas que estão à sua volta. Isto ocorre com o tio de Alcmena, Blefarão, que é escolhido para tentar desfazer toda a confusão. A seguir, nos excertos eleitos, se percebe o atordoamento causado pela aparição do Duplo nas falas de Blefarão:

Blefarão (*sem ver Anfitrião*): Mas que é isso Sósia? O que me dizes é realmente de espantar. O que me dizes é que encontrei em casa um Sósia igual a ti.

(...)

Por Júpiter! Que vejo eu?! Este não é Anfitrião; aquele é que é Anfitrião! Se fosse este (mostrando Anfitrião) não era aquele (mostrando Júpiter), a menos que seja duplo.

(...)

Ó Supremo Júpiter! Que vejo eu?! Têm ambos no braço direito e no mesmo lugar um sinal que é exatamente o mesmo, uma cicatriz avermelhada e donde a onde um pouco escura. Já não é possível raciocinar mais, tem de se calar o juiz. Não sei que hei de fazer. (*Idem*, 88, 93,96)

Os fragmentos e passagens acima deixam claro o quanto a questão do duplo instiga as pessoas, tanto as que são duplicadas quanto as que estão à sua volta. A espécie de relação gemelar presente na obra pode ser, principalmente, o que causa estranhamento, por sua caracterização inerente, que se leu nas palavras de Chevalier & Gheerbrant (1996, p. 466), já explicitadas anteriormente, que tratam do medo diante das figuras gêmeas, por estas exteriorizarem as oposições presentes em cada indivíduo.

As personagens Anfitrião e Sósia, ao se verem refletidas idênticas em Júpiter e Mercúrio, respectivamente, têm medo de sua objetivação causada por essa relação entre si e si mesmo:

Anfitrião é uma peça que retém em seu interior cenas reveladoras de um aspecto confuso e perturbado da alma humana; seus desvios e vícios, construindo as linhas e entrelinhas de um único texto que se desdobra em dois, justamente para mostrar a pluralidade da realidade interior do homem, levantando já a essa altura a problemática da crise de identidade, o que torna sua obra uma fonte que, a cada dia, instiga novos olhares e novas interpretações para o eterno problema humano da busca da identidade. (NETO, 2008, p. 2)

Daí a preciosidade dessa obra para o estudo do Duplo, cabendo ressaltar a antecipação que Plauto faz, séculos antes, de uma questão da modernidade: a identidade do indivíduo. Como se viu, por causa do fenômeno da duplicação, ocorre a perda da identidade de ambas as personagens em relevo até aqui. Segundo Mercer (*apud* HALL, 2006, p. 9), “a identidade se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”. Quando se veem refletidos em outrem, Anfitrião e Sósia se ausentam de si mesmos, pois têm diante de si a objetivação do seu “eu”. Nesse processo, estas personagens se desprendem da única coisa certa e imutável que, aparentemente, possuem: suas identidades. Sendo assim, o Duplo, além de gerar a perda de identidade, faz emergir e realçar o aspecto cômico inerente à obra.

A comédia teatral *Um Deus dormiu lá em casa*, de Guilherme Figueiredo, também aborda a temática do Duplo e possui estreita relação com a peça plautina *Anfitrião*. A obra do comediógrafo brasileiro modifica o enredo original da peça de Plauto citada, porém, ba-

seia-se, de igual forma, no mito do nascimento de Hércules para a sua composição.

Na comédia de Guilherme Figueiredo, os deuses Júpiter e Mercúrio aparecem de maneira indireta, isto é, eles não constituem personagens ativas, mas suas identidades são usadas por Anfitrião e Sósia, a fim de alcançarem seus objetivos. Estes, ao invés de partirem para a guerra, decidem ficar em casa para proteger e testar a fidelidade de suas amadas Alcmena e Tessala, respectivamente. Isto porque, segundo a profecia de Tirésias, um homem habitaria naquela casa no momento em que os tebanos estivessem em guerra. Porém, o amo e seu escravo precisavam de um motivo para voltarem à casa e se ausentarem da guerra, sem que fossem tidos como covardes. É então que, sagaz e sabedor da fidelidade de sua esposa aos deuses, Anfitrião se utiliza exatamente da figura de um deles para enganar sua esposa e impedir que a profecia se cumpra:

Anfitrião: (...) Que ideia! Tirésias vai acertar mais do que pensa... Sabe quem vai passar a noite aqui? Não é um homem, não; um deus: Júpiter.

Sósia: Deixa de brincadeira! Você pensa que é consolo para um marido ser enganado por um deus em vez de ser enganado por um homem?

Anfitrião: Não entendeste? Júpiter. Eu mesmo. Júpiter mudado em Anfitrião. Júpiter fazendo uma das suas gracinhas de bilontra. Deus velhaco! Não entendeste?

Sósia: Que ideia! (...) Olha: deixa eu vir também. De Mercúrio. Eu venho de Mercúrio. (FIGUEIREDO, 1973, p. 11)

Logo se vê que o Duplo aqui se dá pela duplicação das próprias personagens Anfitrião e Sósia, que se disfarçam em outrem (Júpiter e Mercúrio, respectivamente), não havendo, dessa forma, a necessidade de outro ser para que ocorra o fenômeno da duplicação. Nesta peça, o Duplo se revela pelo *alter ego* (do lat. *alter* = *outro*; *ego* = *eu*), ou seja, a duplicação se dá pelo aparecimento de outro “eu” em si mesmo. Sendo assim, o duplo presente nessa composição é o reflexo de si para si mesmo, isto é, não existe outro a ser refletido ou que reflita o “eu”: é o próprio Anfitrião e Sósia que se disfarçam neles mesmos, fingindo serem deuses. Anfitrião, assim como Sósia,

“seria, ao mesmo tempo, o mesmo e um outro, o que é a exata definição do duplo”. (ROSSET, 2008, p. 46).

Contrariamente à sua esposa Alcmena, Anfitrião é, na obra de Guilherme Figueiredo, descrente de todos os deuses, e chega a zombar destes. Há, pode-se dizer, certa dessacralização dos deuses mitológicos, como se observa nos fragmentos:

Voz: É certo, Anfitrião, que não acreditas nos deuses? (...)

Anfitrião: Acredito na valentia dos Tebanos, na ciência estratégica e no ferro das nossas armas!

(...)

Voz: Anfitrião, pede perdão a Júpiter pelo que disseste, antes que a sua cólera desabe mais uma vez sobre Tebas!

Anfitrião: Júpiter coisa nenhuma! Vou vencer esta guerra sem precisar de feitiçaria!

(...)

Voz: É melhor resignares ao teu posto, que os deuses não te ajudarão.

Anfitrião: Os deuses não têm tempo de ajudar os mortais; estão muito ocupados a provar que existem.

(...)

Anfitrião: Estamos numa guerra... e não numa discussão teológica. Não creio nos deuses, mas vós credes. Minha mulher também crê, e fará os sacrifícios necessários. A mim o que me cumpre não é matar os carneiros diante do altar, mas o inimigo no campo de batalha.

(...)

Alcmena: Esse cabrito é o do sacrifício, Anfitrião.

Anfitrião: Do sacrifício? Bolas! Esses teus deuses comem mais carne do que o meu exército! Levem isto daqui! (FIGUEIREDO, 1973, p. 2, 3, 4, 5)

Vale ressaltar que toda a articulação das personagens em relevo visa apenas a um objetivo: impedir a realização da profecia do oráculo. Já se percebe aqui uma ambiguidade na atitude de Anfitrião que, sendo incrédulo, não deveria acreditar nas palavras de Tirésias. Esse conflito interno é abordado por Hall (2006:13), que esclarece:

“O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós, há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”. É nesse contexto que Anfitrião, já no final da peça, se diz convertido aos deuses que outrora condenava:

Alcmena: Então crês nos deuses?

Anfitrião: Creio. Do fundo da minha alma...

Alcmena: Como tu és sórdido! Estás convertido?

Anfitrião (*humilde*): Estou convertido.

(FIGUEIREDO, 1973, p. 39)

No prosseguir da peça, o general tebano se surpreende ao perceber que, apesar de seus esforços, a profecia havia se cumprido:

Alcmena: Éreis vós, Senhor! Vós! A profecia dizia “um homem” – e sois vós em forma humana, igual ao meu marido!

Anfitrião: É verdade, não é que esse raio de profecia se cumpriu mesmo? (...) (*Idem*, p. 21)

Nota-se a surpresa de Anfitrião ao perceber que a profecia se realizara graças a ele mesmo. Na verdade, o espanto de Anfitrião é natural, uma vez que a profecia oracular é, por natureza, dupla. O acontecimento predito pelo oráculo acaba se tornando um acontecimento duplicado, já que o que foi prenunciado não é e, ao mesmo tempo, é o que se espera acontecer. Segundo Rosset, o oráculo possui um papel importante quando se trata de duplo:

O acontecimento esperado acaba por coincidir com ele próprio, daí precisamente a surpresa: porque se esperava algo diferente, embora semelhante, a mesma coisa, mas não exatamente da mesma maneira. É nesta coincidência rigorosa do previsto com o que efetivamente ocorreu que, em última análise, se resumem todos os “ardis” do destino. (...) Tal é a natureza paradoxal da surpresa face à realização dos oráculos, espantar-se quando não há precisamente mais razão para se espantar, já que o fato ocorreu exatamente como a previsão: o acontecimento esperado ocorreu, mas percebemos, então, que aquilo que era esperado não era este acontecimento aqui, mas um mesmo acontecimento sob uma forma diferente. Pensava-se esperar o mesmo, mas na realidade esperávamos o outro. (ROSSET, 2008, p. 45)

Ao saber da profecia, Anfitrião não deseja que ela se cumpra, porém, ao tentar impedir que ela se concretize, acaba cumprindo-a, pois realmente um homem está em sua casa enquanto a guerra ocorre: ele mesmo. Consoante ao teórico mencionado, a profecia se realiza graças à “malfadada precaução, e é o próprio ato de evitar o destino que acaba por coincidir com a sua realização.” (*Idem*, p. 31). Pode-se dizer que a atitude de Anfitrião de tentar impedir a profecia, é uma atitude trágica, uma vez que tenta interferir no destino. Essa reflexão remete ao conceito de *peripécia*, elemento constitutivo da tragédia, expresso por Aristóteles como “uma reviravolta das ações no sentido contrário (...), como, no Édipo, quem veio com o propósito de dar alegria a Édipo e libertá-lo do temor com relação à mãe, ao revelar quem ele era, fez o contrário”. (ARISTÓTELES, 1997, p. 30). Mais adiante, o mesmo autor afirma que é justamente nas peripécias que o autor obtém a “emoção trágica e os sentimentos de humanidade.” (*Idem*, p. 39)

Nota-se que, partindo de uma análise comparativa, a obra *Anfitrião*, contém elementos próprios da Tragédia, como a aparição dos deuses Júpiter e Mercúrio, porém, tende mais para o gênero Comédia, uma vez que marcas do enredo trágico não são notadas nessa composição:

O que aconteceu com a “tragicomédia” (*tragicom[co]moediam* v. 59 e v. 63)? Mercúrio parece ter se decidido, finalmente, a definir a peça como comédia, pois o mesmo rótulo é repetido no verso 96. Talvez o critério das personagens atuantes não fosse realmente suficiente para alterar o gênero daquele drama. Ainda assim, podemos perceber que Mercúrio (Plauto, por extensão?) tem bem claro em sua mente a convenção de adequação gênero-personagem, uma vez que ao evocar “a veia artística” ou a “vocação para ator” de Júpiter, o deus lembra que seu pai certamente se mostra em tragédias (v. 93). (COSTA, 2008, p. 124)

Por outro lado, a comédia *Um deus dormiu lá em casa* traz a marca delineada da Tragédia, exemplificada, principalmente, com a fuga do destino, pela personagem Anfitrião.

Depois de aparecer à sua esposa, disfarçado de Júpiter, Anfitrião se vê confuso e, por vezes, atrapalha-se em suas falas, esquecendo-se de que está disfarçado de deus. Nesta confusão também reside a comicidade da obra, como se vê na passagem:

Cadernos do CNLF, Vol. XIV, Nº 2, t. 2

Anfitrião (afrito): Quer dizer que se eu viesse metido na pele de um outro qualquer, você poderia pensar que era Júpiter... e receberia o simulador?

Alcmena: Eu trataria de saber se era Júpiter ou um mortal...

Anfitrião: E se não pudesse distinguir, de tão perfeita a minha caracterização?

Alcmena: Aí, então Senhor... eu me entregaria a Júpiter.

Anfitrião (explodindo): Eu sabia! Eu sabia que você me enga... que você enganava a seu marido! Eu sabia! Não fosse eu um deus! Eu sabia! (FIGUEIREDO, 1973:22)

Por trás dessas falas está o ciúme de Anfitrião, que testa a sua esposa. No entanto, o que ele não sabe é que desde o seu aparecimento, disfarçado em Júpiter, Alcmena já sabia do que se tratava toda aquela cena do marido e se aproveita disso para zombá-lo em diversos momentos da peça:

Alcmena: Falaste muito, Anfitrião, falaste demais. E se eu te disser que desde o primeiro momento, desde que esbarrei com Júpiter nesta sala, eu vi que eras tu? Se eu te disser que me prestei a acompanhar-te até o fim da farsa? Se eu te disser que não sabe fazer o papel de Júpiter, e só consegues fazer o de marido que suspeita? Se eu te disser que sabia, e te deixei na humilhação de um grotesco, porque me lisonjeava o teu pavor e me divertia ver-te simulando um deus em quem não crês? Eu sabia que eras tu, tolo. Eu sabia, general covarde. (*Idem*, p. 39)

Pode-se notar que em *Um deus dormiu lá em casa*, o Duplo é instrumento utilizado pelo comediógrafo a fim de gerar comicidade na peça, tal qual a obra de Plauto analisada anteriormente. Na comédia de Guilherme Figueiredo, o Duplo se dá por meio das próprias personagens Anfitrião e Sósia, que se disfarçam neles mesmos, além do aparecimento marcante da figura do oráculo que, como fora dito, tem por característica inerente, a duplicidade.

Anfitrião e *Um deus dormiu lá em casa* possuem inúmeras características em comum, a saber, o gênero cômico, a forma teatral do texto, o mito que origina os enredos, etc. Entretanto, o que ganha relevo em ambas as comédias é a duplicação do único, ou seja, o Duplo manifesto nas personagens Anfitrião e Sósia.

Na obra de Plauto, a duplicação se dá através de outras personagens, ou seja, o “eu” se reflete em outrem: Júpiter e Mercúrio se personificam em Anfitrião e Sósia, respectivamente; na obra de Guilherme Figueiredo, o duplo se reflete no próprio eu: Anfitrião e Sósia se disfarçam neles mesmos, se fingindo de deuses. Diferentemente da duplicação de um acontecimento, a duplicação da personalidade humana se constitui de modo especial:

Este caso particular da duplicação do único constitui o conjunto dos fenômenos chamados de desdobramentos de personalidade, e deu origem a inúmeras obras literárias, como também a inúmeros comentários de ordem filosófica, psicológica e, sobretudo, psicopatológica, já que o desdobramento de personalidade define também a estrutura fundamental das mais graves demências, tal como a esquizofrenia. (...) O tema literário do duplo aparece com uma insistência particular no século XIX; mas sua origem é evidentemente muito antiga, pois os personagens de *Sósia* ou de irmão-gêmeo ocupam um lugar importante no teatro antigo, como no *Anfitrião* (...). (ROSSET, 2008, p. 84-45)

Apesar de, nas duas obras mencionadas, o duplo se apresentar como elemento importante nas peças, há uma diferença na caracterização deste em cada uma delas. Na comédia plautina, vê-se que o duplo se apresenta refletido em outrem, ou seja, o “eu” se desdobra em outro ser, exterior ao seu modelo. Nessa composição, Júpiter e Mercúrio se transformam em espelhos de Anfitrião e Sósia, respectivamente. Logo, tem-se nessa obra, o chamado *duplo exógeno*, que ocorre quando o “eu” se reflete no outro:

O *duplo* pode ser mais do que uma parte integrante do “eu” e pode originar-se diferentemente sem que tenha de surgir necessariamente da sua interioridade. É possível alguém vir a reconhecer em outrem o seu *duplo*. Esse reconhecimento em que dois “eu(s)” se entendem análogos e partilhando uma identificação anímica, estabelece igualmente o aparecimento do *duplo* (duplo exógeno). (CUNHA, 2009)

Já em *Um deus dormiu lá em casa*, tem-se o duplo refletido em seu próprio modelo, isto é, o reflexo do “eu” está no próprio “eu” a que se quer copiar. Anfitrião e Sósia, disfarçados de deuses, se apropriam de suas próprias identidades para enganar Alcmena e Tes-sala. Nessa composição se percebe o *duplo endógeno*, já que o “eu” é reflexo do próprio “eu”.

O *duplo* enquanto extensão do sujeito (**duplo endógeno**) e seu feito desdobramento, partilha com este traços evidentes que exaltam esse

Cadernos do CNLF, Vol. XIV, N° 2, t. 2

seu estatuto de “sombra”. Estabelece-se entre ambos uma relação de harmonia e cumplicidade. (*Ibidem*)

Enfim, percebe-se que, nas duas obras eleitas para análise, o duplo persiste, entretanto, se apresenta de maneira diferente em cada uma delas. Na obra clássica de Plauto, nota-se a presença do duplo refletido de em outro ser, denominando-se exógeno, enquanto na peça de Figueiredo, encontra-se o duplo refletido em si mesmo, chamado de endógeno. Sendo assim, cada obra traz em si a marca do duplo de modo singular, mas é a duplicidade que move ambas as obras, isto é, a duplicação é ponto de partida para que as personagens obtenham êxito, além de ser a chave que torna as obras verdadeiras comédias.

3. Conclusão

Com este estudo, pôde-se notar a importância das obras *Anfitrião* e *Um deus dormiu lá em casa*, no que tange à temática do Duplo. Além do diálogo presente entre as duas composições, é relevante a influência clássica de Plauto sobre o comediógrafo brasileiro, Guilherme Figueiredo. O primeiro, por sua vez, sofre influência direta da Comédia Nova grega, inserindo em sua composição analisada elementos gregos inerentes à comédia do século IV a. C..

Na obra plautina se percebe que prevalece o gênero Comédia, apesar da nomeação de “tragicomédia”, por Mercúrio, no prólogo da peça. Enquanto isso, apesar de transparecer a Comédia na composição *Um deus dormiu lá em casa*, vê-se que a Tragédia ganha destaque, principalmente, na atitude da personagem Anfitrião ao tentar fugir do seu destino.

Através da comparação de como o fenômeno se manifesta nas duas peças, pôde-se notar algumas diferenças nas duas composições. Relativo ao Duplo presente nas peças mencionadas, conclui-se que o fenômeno da duplicação se dá diferentemente em ambas as obras. Em *Anfitrião*, percebe-se o Duplo exógeno, ou seja, a duplicação se dá em outrem, enquanto que na obra de Guilherme Figueiredo, o Duplo se manifesta no próprio “eu”, ou no *alter ego*, sendo denominado endógeno. Apesar de se manifestar de maneira diferente, o que

se percebe é que o Duplo é o centro de ambas as composições e se constitui o cerne para que estas se tornem verdadeiras comédias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. Arte poética. In: BRANDÃO, Roberto de Oliveira; BRUNA, Jaime. *A poética clássica*. São Paulo: Cultrix, 1997.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Teatro grego*. Tragédia e comédia. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *Mitologia grega*. Vol. II. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRAVO, Nicole Fernandez. In: BRUNEL, Pierre. (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Brasília: UNB; José Olympio, 1997.

BRUNEL, Pierre. (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Brasília: UNB; José Olympio, 1997.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gostos, formas, figuras, cores, números*. Trad. Vera da Costa e Silva... [et al.]. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

CORREIA, Damares Barbosa. *O mercador de Plauto: estudo e tradução*. Dissertação (Pós Graduação em Letras Clássicas). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007, 120 f.

COSTA, Lilian Nunes da. Metapoesia no prólogo da tragicomédia Anfitrião de Plauto. *Revista Língua, Literatura e Ensino*, Vol. III: 2008. ISSN: 1981-6871 Disponível em:

<http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/le/article/viewFile/106/90>

_____. O Anfitrião de Plauto e os estudos intertextuais: potencial e limites. *Anais do Seta*, Nº 3: 2009.

CUNHA, Carla, s.v. Duplo. In: *E-dicionário de termos literários*, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9. Disponível em: <<http://www.fcsh.unl.pt/invest/edtl/index.htm>>. Acesso em: 19 mar. 2010.

DWORZAK, Regina Helena. *O duplo em Saramago*. Tese (Mestrado em Literaturas Estrangeiras). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006, 84 f.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Trad. Victor Jabouille. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

NETO, Nefatalin Gonçalves. *Tradição e modernidade: a releitura saramaguiana do mito d'O Anfitrião*. XI Congresso Internacional da ABRALIC. Universidade de São Paulo. São Paulo: 2008.

PARATORE, Ettore. *História da literatura latina*. Trad. Manuel Losa. Lisboa: Sansoni Firenze, 1983.

PLAUTO. *Anfitrião*. In: SILVA, Agostinho da. *A comédia latina: Plauto e Terêncio*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s.d.

PRADO, Décio de Almeida. *A raposa e as uvas*. In: *Apresentação do teatro brasileiro moderno*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

RIBEIRO JÚNIOR, João. *Grécia mitológica*. Campinas: Papirus, 1984.

ROSSET, Clément. *O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão*. Trad. José Thomaz Brum. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

SILVA, Amós Coelho da; MONTAGNER, Airton Ceolin. *Dicionário latino português*. Petrópolis: Vozes, 2009.

SILVA, Mauricio; PRADO, Décio de Almeida. *História concisa do teatro brasileiro (1570-1908)*. São Paulo: Edusp, 1999. UniLetras, Ponta Grossa, 22, mai. 2009. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/211/209>>. Acesso em: 21/07/2010.

SILVA, Martha Francisca Maldonado Baena da. *A comédia clássica de Sá Miranda e o diálogo intertextual com seus paradigmas literários*. Dissertação (Pós Graduação em Literatura Portuguesa). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006, 173 f.

SILVA, Nahim Carvalho Souza. *Eunuchus de Terêncio: estudo e tradução*. Dissertação (Pós Graduação em Letras Clássicas). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007, 163 f.

SOUZA, Eli Fernandes de. *Auto dos Anfitriões e O homem duplicado: diferentemente iguais*. Dissertação (Pós Graduação em Letras). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008, 122 f.

SOUZA, Ivete Vidigoi. *O espelho e a duplicação do eu*. Dissertação (Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2005, 142 f.

SPALDING, Tassilo Orpheu. *Dicionário da mitologia latina*. São Paulo: Cultrix, 1972.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da literatura brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

STEUDING, Hermann. *Mitologia griega y romana*. Trad. J. Camón Aznar. 4. ed. Barcelona - Buenos Aires: Labor, 1934.